



## ***Israel em abril: uma narrativa de viagem de Erico Verissimo na interseção entre jornalismo e literatura***<sup>1</sup>

**Eduardo Ritter**

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, com estágio doutoral na New York University (Estados Unidos) e professor adjunto do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Frederico Westphalen. Contato com autor: rittergaucho@hotmail.com

**Resumo:** Antes de obter a consagração no meio literário, o escritor Erico Verissimo atuou durante uma década no jornalismo, chegando, inclusive, a ser o presidente-fundador da Associação Riograndense de Imprensa (ARI), em 1935. Além da influência que o jornalismo teve na produção da ficção de Verissimo, o autor também partiu da interseção entre jornalismo e literatura para escrever os seus quatro livros de viagem, resultantes de passagens por Estados Unidos, México e Israel. Assim, neste artigo optou-se pela análise do livro *Israel em abril*, em que é possível perceber na narrativa do autor algumas das características apontadas por Lima (2004) em sua abordagem sobre livro-reportagem-viagem, bem como diversas das técnicas de ficção apresentadas por Lodge (2011) – ambas considerando o testemunho de Felman (2000) como pilar narrativo.

**Palavras-chave:** Narrativa de viagem. Livro-reportagem. Erico Verissimo.

**Abstract: *Israel in April: a travel narrative by Erico Verissimo at the intersection between journalism and literature:*** Prior to his consecration in the literary field, the writer Erico Verissimo worked for a decade in journalism, even becoming the founding president of the Riograndense Press Association (ARI) in 1935. In addition to the influence that journalism had on production of Verissimo fiction, the author also started from the intersection between journalism and literature to write his four travel books, resulting from journeys through the United States, Mexico and Israel. Thus, in this paper we opted for the analysis of the book *Israel in April*, in which it is possible to perceive in the narrative of the author some of the characteristics pointed out by Lima (2004) in his approach to book-reportage-travel, as well as several of the techniques of fiction presented by Lodge (2011) - both considering the testimony of Felman (2000) as narrative pillar.

**Keywords:** Travel narrative. Book reportage. Erico Verissimo

---

<sup>1</sup> O presente artigo foi apresentado no Encontro da SBPJor de 2016, realizado na Unisul – Palhoça



## 1. Mundo velho sem porteira

Para o jornalista e escritor Erico Verissimo (1905-1975) o mundo era uma vasta área para ser explorada sem fronteiras ou limites de trânsito. “Mundo velho sem porteira!” (VERISSIMO, 1996c, p.1), é a expressão utilizada pelo autor para iniciar *Israel em abril*, um dos quatro livros escritos a partir de viagens realizadas para os Estados Unidos, México e Israel, sendo que o primeiro é objeto de duas obras. Tendo atuado fortemente no jornalismo durante os anos 1930, o escritor levou para esses textos autobiográficos algumas características que marcaram a sua obra ficcional e também elementos da narrativa e de técnicas jornalísticas. Sendo assim, parte-se da seguinte questão norteadora: quais as técnicas narrativas jornalístico-literárias podem ser identificadas na obra *Israel em abril*, de Erico Verissimo?

A partir desta questão, tendo como objetivo identificar algumas das principais técnicas narrativas do escritor, este artigo apresenta uma análise de um dos quatro livros de viagem de Verissimo a partir da perspectiva do que Lima (2004) apresenta como livro-reportagem-viagem, e da reflexão de Felman (2000) sobre testemunho, perspectivas, essas, que podem ser pensadas no campo do jornalismo literário, apresentado por Borges (2013). Igualmente, são consideradas as técnicas literárias ficcionais apresentadas por Lodge (2011), que podem ser facilmente identificadas nos romances de Erico, mas que aparecem também nos livros de viagem do escritor.

Vale ressaltar que o presente artigo faz parte de um conjunto de análises que estão sendo feitas sobre as quatro narrativas de viagens de Verissimo: *Gato preto em campo de neve*, *A volta do gato preto* e *México e Israel em abril*.

Metodologicamente, opta-se por procedimentos abertos, destacados por Silva (2011) e Feyerabend (2003). Ambos os autores apresentam uma crítica ao uso de metodologias fechadas que contam com fórmula engessada para tentar obter uma resposta definitiva para os problemas de pesquisa. O que é feito é a formação e teste de hipóteses. Atribuição essa, que é apresentada por Silva (2011) como a função do pesquisador. Ou seja, a partir das hipóteses é desenvolvida a análise, baseada na contextualização histórica e conceitual feita em torno do objeto analisado. Para tanto, essa pesquisa se caracteriza como do tipo exploratória, com base na pesquisa qualitativa, que trabalha com o universo de significados, aspirações, crenças, valores, e que não são perceptíveis em números, equações, médias e estatísticas (MINAYO, 1994). Além disso, é utilizada pesquisa bibliográfica, lembrando que esse tipo de pesquisa prevê perguntas voltadas aos autores, ou seja, “se o desejo é formular e encontrar



respostas em fontes bibliográficas do campo da educação e outros campos do saber” (TEIXEIRA, 2005, p. 118).

O estudo pode ser dividido em três etapas principais. Inicialmente são feitas reflexões sobre o que é livro-reportagem-viagem, a partir da perspectiva de Lima (2004), tendo o testemunho de Felman (2000) como ponto de partida. Posteriormente é abordada brevemente a trajetória de Verissimo no jornalismo e a paixão do jornalista-escritor por viagens. Por fim, é feita a análise, objetivando identificar as características da narrativa do autor a partir de sua viagem para Israel. Assim sendo, espera-se que o leitor faça uma boa viagem, não só para o outro lado do mundo, mas também para outra época, pois a narrativa em questão data de meados dos anos 1960.

## **2. Livro-reportagem-viagem: o testemunho como ponto de partida**

Desde os textos bíblicos, incluindo o Antigo Testamento, as narrativas de viagem se fazem presentes na literatura universal. De Moisés cruzando o Mar Vermelho, às epopeias de Homero, há personagens que viajam por cidades, países e, anos mais tarde, continentes. De Marco Polo<sup>2</sup> a Pero Lopes de Sousa<sup>3</sup>, de Erico Verissimo ao contemporâneo Airton Ortiz<sup>4</sup>. São diários, romances, textos religiosos, cartas, enfim, diversas narrativas que são produzidas textualmente, não apenas para registrar os fatos historicamente, mas também para compartilhar as experiências vividas por seus autores.

Bem como os romancistas e os escritores de diários de bordo, os jornalistas têm na palavra a sua obra-prima. Nada mais natural do que os profissionais de imprensa buscarem em viagens boas histórias para serem contadas aos seus leitores. E, os que não encontram espaço nos limitados veículos impressos (como jornal e revista), procuram no livro uma alternativa. Afinal, “diariamente, os veículos desprezam o acompanhamento de boas histórias” (BELO, 2006, p.14). Foi assim que o jornalista Dodô Azevedo, por exemplo, conseguiu levar aos leitores as suas experiências refazendo a rota percorrida nos anos 1950 por Jack Kerouac, publicando em formato de livro o seu *Fé na estrada* (AZEVEDO, 2012). Chega-se, então, à seguinte questão: como se dá a apropriação dessas narrativas pelo campo jornalístico? Ou, sendo mais específico, pelo jornalismo literário que, como aponta Borges (2013), foge das influências mais totalizadoras, como a busca pela objetividade, mesmo que “haja teóricos que se comprazem em estipular esse gênero hibridizado como um texto meramente mais adjetivado,

---

<sup>2</sup> Marco Polo (1254 –1324) foi um mercador, embaixador e explorador que nasceu na República de Veneza, na Idade Média, e ficou famoso pelo relato detalhado de suas viagens pelo Ocidente e Oriente.

<sup>3</sup> Pero Lopes de Sousa (1530-1578) foi um militar português, autor de *Diário da Navegação da Armada que foi à terra do Brasil em 1530*, escrito a partir dos relatos do irmão do autor, o também militar português Martim Afonso de Sousa (1500-1564).

<sup>4</sup> Airton Ortiz (1954 - ) é jornalista, escritor e fotógrafo, autor de três livros de viagens (Atenas, Paris e Nova York) publicados pela editora Benvirá.



impondo-lhe estruturas teóricas que não lhe são próprias” (BORGES, 2003, p.191). Pois bem, quem responde a essa pergunta é Lima (2004), que ao apresentar uma proposta de tipografia de livro-reportagem inclui aquele que nasce a partir de viagens. O autor define o livro-reportagem-viagem como:

Apresenta como fio condutor uma viagem a uma região geográfica específica, o que serve de pretexto para retratar, como em um quadro sociológico, histórico, humano, vários aspectos das realidades possíveis do local. Difere do relato meramente turístico, ou daquele dotado de romantismo e exotismo típicos aos viajantes não treinados profissionalmente no escrever, por ter nítida preocupação com a pesquisa, com a coleta de dados, com o exame de conflitos (LIMA, 2004, p.58-59).

Por ser um texto construído por “uma via ótica jornalística, alicerçada por recursos advindos de diversos campos do saber moderno” (LIMA, 2004, p.59), esse texto acaba se diferenciando dos antigos diários de bordo. Pode-se incluir como uma característica dos livros de viagens literários que converge com os livros-reportagens-viagem a importância do testemunho, ou seja, da experiência do jornalista. Felman (2000) apresenta um estudo sobre a noção de testemunho relacionada a diversas áreas, como Pedagogia, Medicina, Psicanálise, Literatura, dentre outras. Portanto, propõem-se aqui a reflexão sobre o testemunho sendo pensado no campo do livro-reportagem-viagem, partindo da definição apresentada pela autora:

O testemunho é, em outras palavras, uma *prática* discursiva, em oposição à pura *teoria*. *Testemunhar – prestar juramento de contar, prometer e produzir* seu próprio discurso como evidência material da verdade – é realizar *um ato de fala*, ao invés de simplesmente formular um enunciado. Como um ato de fala performático, o testemunho volta-se para aquilo que, na história, é *ação* que excede qualquer significado substancializado, para o que, no acontecer, é *impacto* que explode dinamicamente qualquer reificação conceitual e delimitação constativa (FELMAN, 2000, p.18).

Mesmo ressaltando que o testemunho não representa o total dos acontecimentos, a inclusão do olhar do jornalista na narrativa de viagem é o ponto de partida para a reportagem. O testemunho é, possivelmente, o principal pilar desse tipo de narrativa, principalmente se for considerada a complexidade de uma narrativa. “A estrutura de uma narrativa é como a estrutura de vigas que sustenta os arranha-céus: você não a enxerga, mas é ela que determina o formato e as características do edifício” (LODGE, 2011, p.222-223). E, no caso de uma narrativa jornalística de viagem, o testemunho é que vai sustentar todo o resto. Feitas essas breves reflexões, apresentar-se-á na sequência a trajetória de Erico Verissimo no jornalismo e a sua vertente de viajante, antes de se chegar à obra analisada.



### 3. Erico Verissimo: jornalista e viajante

O jornalismo sempre esteve presente na vida e obra de Erico Verissimo. Conforme aponta Hohlfeldt e Strelow (2008), essa relação pode ser dividida em três etapas. Primeiro, a fase do Erico colaborador de revistas e jornais, além de uma breve experiência em rádio, detalhada por Ritter (2010). Segundo, a fase de editor de revistas e livros. Por fim, a fase do escritor-jornalista, que inclui a produção de seus livros de viagem e a criação de uma série de personagens-jornalistas em seus romances, que Ritter (2010) vai chamar de tribo jornalística de Erico Verissimo.

Nascido em 17 de dezembro de 1905, no município de Cruz Alta, no interior do Rio Grande do Sul, Verissimo teve, desde a infância, contato com o jornalismo e com o mundo das letras. Quando deixou a cidade natal, ao reprovar em matemática e ouvir de seu pai “acabas de receber o diploma de burro” (VERISSIMO, 1974, p.36), Erico passa a estudar como interno no Colégio Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre. Devido à qualidade de seus textos, ele logo é convidado a ingressar na redação do jornal interno da escola, que se chamava *O Pindorama*.

Depois de algumas idas e vindas entre Cruz Alta e Porto Alegre nos anos 1920, em 1930 o então candidato a escritor muda-se definitivamente para a capital gaúcha na busca da realização do sonho de ser escritor, onde ingressa na profissão através da Editora Globo, fundada em Porto Alegre em 1883, como livraria, e que, em 1929, lança a Revista do Globo. Esse foi o lugar onde Verissimo conseguiu emprego após semanas de tentativas frustradas.

Após publicar o seu primeiro livro de contos, intitulado *Fantoches*, em 1932, e o seu primeiro romance, *Clarissa*, em 1933, Erico é eleito, em 1935, o primeiro presidente da Associação Riograndense de Imprensa (ARI) – que se mantém em funcionamento até hoje -, com 88 votos dos 114 jornalistas aptos a votar. O objetivo era criar uma entidade que defendesse os jornalistas, intelectuais e trabalhadores das empresas de comunicação e que desse assistência social à categoria e realizasse atividades culturais.

Até o ano de 1938, após ter publicado *Caminhos Cruzados* (1935), *Música ao longe* (1936), *Um lugar ao sol* (1936) e *Olhai os lírios do campo* (1938), Verissimo divide o seu tempo entre o trabalho como editor da *Revista do Globo*, como escritor e como pai de família, pois ele já tinha seus dois filhos: Clarissa e Luis Fernando. Já a partir de 1938, com a intensificação da notoriedade de seu nome, Verissimo passa a se dedicar integralmente à literatura. Porém, antes de sua primeira viagem que resultaria na publicação de um livro, ele ainda publica *Saga* (1940) e *O resto é silêncio* (1943). Mais tarde, ele viria a publicar as suas obras mais famosas: *O tempo e o Vento* (1ª parte em 1949, 2ª parte em 1951 e 3ª parte em 1962) e *Incidente em Antares* (1971).



No entanto, vale ressaltar que o gosto de Verissimo pelas viagens começou após um surpreendente convite do Departamento de Estado norte-americano para fazer uma visita de três meses aos Estados Unidos, com todas as despesas pagas. O convite, feito em 1940, fazia parte do Programa de Boa Vizinhança, instituído pelo então presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt. Dessa viagem resultou o livro *Gato Preto em campo de neve*, que marcou o início de um novo estilo literário adotado pelo escritor: os livros de viagem.

Desde essa primeira obra há uma “viagem dentro da viagem, uma viagem externa e uma viagem interna por dentro dele mesmo” (HOHLFELDT, 2005, p.14). Para isso, conforme Hohlfeldt (2005), Verissimo busca em personagens populares, tirados da tradição ibérica, uma forma de dialogar e de apresentar o contraponto às suas próprias ideias. É assim que nasce, já nesse primeiro livro, a figura de Pedro Malasartes, que o autor explica como sendo uma figura oriunda da Península Ibérica, mas que aparece na cultura popular de diversos países, como Rússia, Alemanha, França (Pierre Marche-à-pieds), Espanha (Pedro Urdemales) e em Portugal, de onde se transferiu para o Brasil. Sendo mencionado desde o início da narrativa, Malazarte (grafado por Erico com “z”) aparece como um amigo imaginário do escritor. Ainda quando está no navio *Argentina*, que vai leva-lo do Rio de Janeiro aos Estados Unidos, o personagem imaginário dialoga com o escritor: “E mais um brasileiro tolo como você – acrescenta Malazarte a meu ouvido. – Tão tolo que não compreende que é uma viagem de recreio em que há um lugar para tudo, menos para o trabalho” (VERISSIMO, 1996b, p.27).

Já no livro *A volta do gato preto*, que resulta de uma estadia do escritor em Berkeley, nos Estados Unidos, entre 1943 e 1945, são diversos os elementos que marcam o estilo do autor nas narrativas de viagem. Nessa obra, Verissimo altera o nome de sua esposa, Mafalda, para Mariana. Já Luis Fernando é tratado apenas por Luis, e Clarissa se torna Clara. No entanto, um detalhe dá um caráter histórico à obra: o período em que a família de Erico morou na Califórnia coincide com os dois últimos anos da Segunda Guerra Mundial. “E não deixa de ser comovente ver esses marinheiros e soldados que há pouco manejaram canhões e metralhadoras de verdade contra inimigos de carne, osso e ódio, entrarem nessas galerias de diversão” (VERISSIMO, 1996a, p.45-56). No entanto, conforme já ressaltado, a análise dessa obra ocorre em momento à parte do presente artigo.

*México*, por sua vez, como ressalta Hohlfeldt (2005), é um livro diferente dos demais, justamente pela paixão e pela curiosidade que o escritor apresenta pela história do povo mexicano. Foi justamente visitando um cemitério-museu, que Verissimo teve inspiração para, futuramente, escrever uma de suas principais obras: *Incidente em antares*. Na ocasião, o funcionário do cemitério disse que haviam múmias para serem contempladas, mas, chegando lá, o escritor é surpreendido pelo fato de que muitas das tais múmias ainda estavam em estado de decomposição:

Mas as múmias! Para principiar o horror, elas conservam a pele, retesada sobre a ossatura descarnada, numa cor entre cinza e pardo-claro que lembra



perturbadoramente a da tortilla. Em alguns desses cadáveres, encontro ainda chumaços de cabelo nos crânios lisos – detalhe dum grotesco que não convida ao riso: gela. Em muitos rostos, é possível ainda ao observador reconstituir vagamente a fisionomia que o cadáver possuía em vida. Ali está uma múmia que conserva numa das pernas uma meia (VERISSIMO, 1978, p.294).

Por fim, já sendo um escritor consagrado, Verissimo viaja para Israel, e dessa experiência nasce o seu último livro de viagens: *Israel em abril*, analisado na sequência. Antes, porém, vale ressaltar que no segundo volume do livro de memórias do escritor, *Solo de clarineta*, também há longos relatos de viagem sobre Portugal, Espanha e Holanda. “Essas memórias ficariam injustificavelmente incompletas se nelas eu não narrasse, ainda que de modo breve, as andanças em que me tenho largado pelo mundo na companhia de minha mulher e de meus fantasmas particulares” (VERISSIMO, 1976, p.74).

Uma curiosidade é que como resultado da viagem do escritor e da família para os Estados Unidos entre 1943 e 1945, a filha de Verissimo, Clarissa, acabou se mudando definitivamente para o país da América do Norte, casando-se com um norte-americano logo no início da vida adulta. Em 1975, ela e a família realizaram uma visita (coincidentemente uma viagem de caminho inverso: dos Estados Unidos para o Brasil) em que coincidiu com o fim da vida do escritor. “Em 27 de novembro de 1975, resolvi festejar o *Thanksgiving* na minha casa em Porto Alegre, reunindo minha família inteira para uma ceia típica desse feriado norte-americano, com peru e torta de abóbora. Tudo correu à perfeição. No dia seguinte, ele faleceu” (JAFFE, 1984, p.90). Assim, o jornalista, escritor e contador de histórias deixou um legado que, como destaca Hohlfeldt, ao comentar as narrativas de viagem do escritor: “são verdadeiras caixas de surpresa, sempre a nos apresentarem novos aspectos, fantásticamente coerentes, do homem e do artista” (HOHLFEDLT, 2005, p.11). É uma dessas caixinhas que buscamos desvendar a partir de agora.

#### **4. O arsenal narrativo de Verissimo em *Israel em abril***

A viagem de Verissimo a Israel, bem como as suas viagens para os Estados Unidos, nasceu a partir de um convite do Ministério de Negócios Estrangeiros do país de destino e teve duração de 20 dias. Verissimo e a esposa Mafalda, que aparece nessa obra apenas como M., chegaram em Tel Aviv no dia 1º de abril de 1966. Escrito em forma de diário, Verissimo mescla na narrativa pensamentos sobre as situações vividas por ele, com apresentações sobre a história do lugar por onde está passando, além das mais variadas reflexões e inferências. Vale ressaltar a presença de dois elementos básicos para as narrativas de viagem jornalísticas, apresentadas anteriormente. Primeiro, o escritor se apresenta não como um turista tradicional, que se contenta em visitar os principais pontos turísticos do seu destino, mas sim, estuda a história do lugar, conversa com moradores, com representantes do



poder público e com todas as pessoas que cruzam pelo seu caminho, além de alterar o roteiro programado inicialmente diversas vezes. Tal elemento aponta a característica ressaltada por Lima (2004), diferenciando o jornalista viajante do turista tradicional. Em análise sobre as narrativas de viagem de Verissimo feita por Hohlfeldt, o autor comenta esse elemento nas obras do gênero.

O que se pode deduzir é que o viajante, como bom pesquisador e jornalista, está querendo sempre ver bem além do aparente e do que lhe é apresentado. Não fica na epiderme, mas quer ir ao cerne da nação e do povo que está a conhecer. No caso específico, sente-se parte daquela cultura, pelas raízes de uma avó pelo lado paterno, que lhe permite captar sutilezas do idioma, do comportamento e, sobretudo, brincar, mesmo em português, com a língua espanhola, como ao tentar definir sua impressão de viagem, referindo o México como esquisito que, em espanhol, significa algo estranho, diferenciado positivamente (HOHLFELDT, 2005, p.19).

O interesse de Verissimo no caráter humano das pessoas fica evidente no seguinte trecho: “M. e eu nos entreolhamos, trocando sorrisos. Minha mulher sabe que me divirto observando gente em ação e que coloco tipos humanos *com amore*” (VERISSIMO, 1996c, p.4). Mais adiante, o escritor complementa: “Apago a luz, fecho o livro e os olhos, e concluo que sábio é o turista que viaja com bagagem pequena e alma grande” (VERISSIMO, 1996c, p.6). Já o segundo é o testemunho. Escrito em primeira pessoa, a vivência e a experiência do narrador, apontada por Felman (2000) são expostas no texto, tentando reportar, assim, o que o viajante está vendo e pensando para o leitor – que não tem acesso a tais lugares.

Assim, Verissimo cumpre a função do narrador no seu sentido benjaminiano, afinal, a narração “não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 2012, p.205). Em sua narrativa, Verissimo deixa a sua marca, descrevendo situações pessoais, deixando claro o seu estilo autoral, mas também falando sobre a história e a situação do país naquele momento. Os relatos em estilo de diário também são frequentes: “Começo a pigarrear e a tossir, lamentando que minha mulher tenha que ouvir este concerto atonal” (VERISSIMO, 1996c, p.69). Tais reflexões são narradas no presente, outra característica da obra. Isso pode ser percebido em trechos como esse: “Estamos na Terra Santa. Jesus Cristo nasceu não muito longe daqui. Amanhã visitaremos Nazaré... Depois subiremos para o Mar da Galiléia” (VERISSIMO, 1996c, p.69).

O autor também se vale das informações sobre como estava a situação de Israel naquele momento, ou seja, abril de 1966. Para tanto, ele faz uso de uma das principais técnicas do jornalismo: a entrevista. Como resalta Sousa Pinto (2009, p.109), abordando o trabalho do jornalista na redação: “Na maioria das vezes, a entrevista é usada como uma das técnicas para obter informação”. Essa técnica é utilizada várias vezes por Verissimo. Em uma delas, ele entrevista Shaul Levin, um nativo





que está acompanhando o casal no início da viagem por Israel. As perguntas geralmente são objetivas, como a que inicia o diálogo com o interlocutor:

- Quantos árabes vivem hoje em Israel?
- Temos aproximadamente um árabe para cada grupo de dez israelenses - explica Levin. – Entre árabes, drusos e outras minorias não judias vivem em Israel mais de 280 mil almas.
- M. pergunta se militarmente os muçulmanos não podem representar uma espécie de perigoso cavalo de Tróia dentro dos muros do país.
- Até hoje não tivemos com nossos cidadãos árabes nenhum problema dessa natureza (VERISSIMO, 1996c, p.12).

Na sequência, Verissimo explica, utilizando texto informativo, o cenário político e religioso do país. “Os árabes têm direito ao voto e no momento contam com sete representantes no Knesset, isto é, no Parlamento, onde podem usar em seus discursos a língua árabe, a qual é também aceita nos tribunais” (VERISSIMO, 1996, p.12). Percebe-se nesse trecho, bem como em vários outros, a influência da visão jornalística que Verissimo adquiriu após trabalhar durante praticamente uma década em redação. Aliás, como não poderia deixar de ser, o tema guerra também aparece frequentemente na obra: “Conta-nos que são obrigados a arar a terra, semear e colher sempre protegidos pelo carro blindado, com um homem atento ao pé da metralhadora. Há dois dias, sem a menor provocação, atiradores sírios alvejaram e feriram um dos habitantes de Almagor que trabalhava na lavoura” (VERISSIMO, 1996c, p.116).

Outra característica narrativa que esteve presente tanto em seus romances, como nos livros reportagens dos precursores do *New Journalism* norte-americano, e que volta a aparecer frequentemente nas narrativas de viagem é o realismo objetivo, afinal, como romancista Verissimo foi, antes de mais nada, um escritor realista. “O realismo objetivo prescinde dessa ordem de intervenções, desse narrador onisciente, em favor de fatos objetivos, artisticamente selecionados como numa montagem cinematográfica e deixados à sorte da leitura” (SODRÉ, 2009, p.154). Dessa forma, diálogos, gestos e diálogos passam de um “suposto real-histórico para um real imaginado” (SODRÉ, 2009, p.154). Tal real imaginado é utilizado por Verissimo em sua narrativa, quando, por exemplo, ele se imagina passeando por entre as mesas durante um jantar, parando para conversar com as pessoas que ele está vendo:

“Como é o seu nome, menina? De que parte do mundo vieram os seus pais” – “Como é que você, moço, com essa tez tostada e esse bigode de tinta naquim pode ser judeu, se tem uma cara que me faz lembrar a do Miguelzinho Turco, que vendia bom-bocados e quindins nas ruas de Cruz Alta?” – “Minha senhora, tem certeza de que não é italiana do sul? Eu juraria que a encontrei um dia num beco de Nápoles estendendo roupas recém-lavadas numa corda” (VERISSIMO, 1996c, p.45-46).



Em outro momento, ele coloca as suas inquietações, descrevendo questões que lhe invadem a mente enquanto está em outro jantar: “Quantos sobreviventes dos campos de concentração nazistas estarão aqui esta noite?” (VERISSIMO, 1996c, p.61). A imaginação do autor, como na utilização da técnica do monólogo interior, descrita por Lodge (2011), é intercalada com outras técnicas narrativas mais próprias do jornalismo, como a descrição. Isso pode ser percebido, por exemplo, quando ele descreve Tel Aviv: “A cidade de Tel Aviv, moderna e funcional, com seus letreiros luminosos, alguns em inglês mas a maioria em caracteres hebraicos, suas vitrinas atraentes, suas ruas bem asfaltadas, seu intenso tráfego de veículos [...]” (VERISSIMO, 1996, p.24). Em outro momento, no entanto, a descrição vem acompanhada de comentários: “Gosto destes becos pavimentados de pedra morena, com casas cúbicas caiadas ou pintadas de azul e com suas escadinhas inesperadas [...]” (VERISSIMO, 1996c, p.100). Em seguida, Verissimo adota um discurso próximo do utilizado por guias de viagem, falando com o leitor: “E agora o leitor pode voltar-se e olhar comigo a planície que se estende para o norte, o sul e o oeste, como uma vasta colcha de retalhos de cores variegadas” (VERISSIMO, 1996c, p.106).

Além disso, a impressão do passado e a abordagem histórica também são utilizadas frequentemente. Essa é uma técnica bastante utilizada por romancistas, e em *Israel em abril* ela aparece com frequência na narrativa de Erico, por ter diversos trechos que retratam “temas e personagens históricos; mas também evocam o passado em termos culturais, ideológicos, comportamentais e morais ao descrever o modo de vida das pessoas comuns na época” (LODGE, 2011, p.139). Essa técnica narrativa é utilizada no capítulo *Dois kibbutzim*, em que ele descreve duas comunidades israelenses que vivem com suas próprias regras no território daquele país, sendo uma delas formada majoritariamente por brasileiros. Além de descrever e contar a história da comunidade, Verissimo volta a utilizar a entrevista. Em uma delas, o personagem Avigdot explica o motivo de, nessa comunidade, os pais serem separados dos filhos desde a hora em que nasce: “Na minha opinião, entretanto, esse é o processo mais racional, capaz de produzir homens e mulheres livres dessas neuroses que têm suas raízes na primeira infância, em conflitos com os pais” (VERISSIMO, 1996c, p.295-296), explica o entrevistado. Erico Verissimo, então, passa a debater com o entrevistado, pois na visão do escritor, esse seria um método que pode levar ao fanatismo, afinal, medidas como essas eram adotadas pelo Grande Irmão em *1984*, obra de ficção de George Orwell (2009).

A intertextualidade, principalmente com textos bíblicos, é outra característica presente na narrativa de viagem de Verissimo. Conforme Lodge (2011) há diversas formas de um texto se referir a outro, tais como: “paródia, pastiche, eco, alusão, citação direta e paralelismo estrutural” (LODGE, 2011, p.106). O autor chama a atenção para o fato de que a intertextualidade é uma prerrogativa do romance,



pois todos os textos são tecidos com os fios de outros textos, com a consciência de seu autor/narrador ou não. Essa intertextualidade com o texto bíblico está na narrativa testemunhal de Verissimo, como quando ele está refletindo sobre o lugar onde a cama dele e da esposa está localizada no quarto: “Cristo deve ter passado por aqui a pé, com sandálias gastas. Não é impossível que se tenha detido por alguns instante neste exato lugar onde estão as nossas camas. Mas isso faz tanto tempo...” (VERISSIMO, 1996c, p.70).

Por fim, pode-se ressaltar o caráter atual e crítico da obra. Mergulhado em um dos lugares históricos com maior representatividade no mundo, Verissimo critica a falta de memória da humanidade, temendo, por exemplo, que em um futuro não tão distante distante as atrocidades da Segunda Guerra Mundial sejam esquecidas. “Hoje em dia começamos a aceitar com uma indiferença criminosa o massacre, a injustiça, o genocídio. Qualquer desculpa nos serve para apaziguar a consciência e coonestar nosso conformismo” (VERISSIMO, 1996c, p.93). Vale acrescentar que em 1966 havia se passado apenas 21 anos do fim da Segunda Guerra. Em outro momento da narrativa, Verissimo critica os moradores de Nazaré, que parecem ser orgulhar mais de terem sido palco de um filme de Hollywood do que de seu passado histórico.

No encerramento da narrativa, Erico conversa longamente com Malasarte (que nessa obra aparece grafado com “s”), apresentando uma reflexão geral dos 20 dias de viagem: “Não tenho *um* pensamento sobre esse país singular, mas vários... Dum modo geral, gostei do que lá vi e ouvi... Trago entusiasmos mas também dúvidas, e principalmente perguntas, muitas perguntas” (VERISSIMO, 1996c, p.310), fala para o personagem imaginário. E, assim, Verissimo encerra a sua última narrativa de viagem.

## 5. Considerações finais

Encerra-se o presente artigo reforçando que esse estudo faz parte de uma pesquisa maior, que tem como objetivo inicial analisar os quatro livros de viagem de Erico Verissimo. No entanto, ressalta-se que, após essa etapa, é possível identificar algumas das técnicas narrativas jornalístico-literárias utilizadas por Verissimo em *Israel em abril*.

Conforme abordado ao longo do texto, as primeiras características, pilares da narrativa, são o caráter testemunhal e a abordagem que foge de um estilo que visa atender a interesses de natureza meramente turística. Além disso, o texto tem estilo autoral, é escrito com linguagem no presente e em formato de diário. A narrativa também faz alternâncias que oscilam nas interseções do jornalismo e da literatura, como o emprego de informações sobre a situação do momento do país em questão e a utilização, por vezes, de texto informativo, que ilustra a influência de um estilo jornalístico na abordagem de Verissimo. Igualmente do jornalismo, o autor utiliza a descrição objetiva e a descrição comentada para narrar situações e transportar o leitor para o lugar em que ele se encontra.



O real imaginado, que muitas vezes traz as inquietações do autor, é outro elemento fortemente presente no texto de Verissimo, que muitas vezes faz uso de técnicas da ficção, como o monólogo interior, além da utilização de um personagem ficcional da literatura popular: Pedro Malasarte. Isso, bem como outros exemplos citados ao longo desse artigo, também mostra a presença de uma intertextualidade da narrativa, que às vezes é utilizada conscientemente por Verissimo, e em outras de maneira inconsciente.

Por fim, vale ressaltar que a obra é ao mesmo tempo histórica e atual. Isso se justifica porque, sob o ponto de vista de documento histórico, é um relato importante da década de 1960 sobre uma região que vive em permanente conflito, estando no foco da imprensa internacional há décadas. E ao mesmo tempo é atual, pois são diversas as reflexões e inferências feitas por Verissimo que poderiam – e deveriam – ser efetuadas contemporaneamente por jornalistas internacionais.

Dessa forma, o livro *Israel em abril* pode ser considerado, sim, um livro-reportagem-viagem, pois além de ser escrito profissionalmente por Erico Verissimo, ele também exibe em sua narrativa a apresentação daquilo que o viajante conheceu e descobriu sobre o lugar, afinal, vale lembrar que um livro de viagem é uma narrativa eminentemente subjetiva em que “leitor e narrador estabelecem uma espécie de pacto de credibilidade pelo qual o narrador assume o compromisso de só dizer a verdade sobre o que viu e bem interpretar o descoberto” (HOHLFELDT, 2005, p.13). E, na sua interpretação, que nessa narrativa de viagem sempre oscila entre o jornalismo e a literatura, fica em evidência a criatividade, o talento e o estilo autoral de Erico Verissimo.

### Referências

- AZEVEDO, D. **Fé na estrada** – seguindo os passos de Jack Kerouac. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.
- BELO, E. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas** – Magia e técnica, arte e política. V1. São Paulo: Brasiliense, 2012).
- BORGES, R. **Jornalismo literário**. Florianópolis: Insular, 2013.
- FELMAN, S. Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar. In: **Catástrofe e representação**. NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). São Paulo: Escuta, 2000.
- FEYERABEND, P. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Editora Unesp, 2003.
- HOHLFELDT, A. C. Erico Verissimo viajante: entre o permanente e o passageiro. In: Maria Regina Barcelos Bettioli; Patrícia Lessa Flores da Cunha; Sara Viola Rodrigues. (Org.). **Erico verissimo - Muito além do tempo e o vento**. 1ªed.Porto Alegre: EDUFRGS, 2005.



HOHLFELDT, A. C. ; STRELOW, A . Erico Verissimo, permanente jornalista militante. In: Melo, José Marques de. (Org.). **Imprensa brasileira** - Personagens que fizeram história - Volume III. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

JAFFE, C. V. “Caminhos cruzados”. In: **Cadernos da literatura brasileira** – Erico Verissimo. Instituto Moreira Salles. São Paulo: Abril, 2003.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas** – O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2004.

LODGE, D. **A arte da ficção**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

MINAYO, M. C. de S. (org.) **Pesquisa social** – teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

ORWELL, G. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RITTER, E. A tribo jornalística de Erico Verissimo. Porto Alegre: PUCRS, 2010.

SILVA, J. M. **O que pesquisar quer dizer** – como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SODRÉ, M. **A narração do fato** – notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUSA PINTO, A. E. **Jornalismo diário**. São Paulo: Publifolha, 2009.

VERISSIMO, E. **A volta do gato preto**. São Paulo: Globo, 1996a.

VERISSIMO, E. **Gato preto em campo de neve**. São Paulo: Globo, 1996b.

VERISSIMO, E. **Israel em abril**. São Paulo: Globo, 1996c.

VERISSIMO, E. México. Porto Alegre: Globo, 1978.

VERISSIMO, E. **Solo de clarineta** – segundo volume. Porto Alegre: Globo, 1976.